

A forclusão, quando ela opera – e certamente um processo de conquista e colonização é um desses casos – provém de um apagamento da função simbólica do significante na inscrição fantasmática da terceira geração de antecessores. Curiosamente, quando se trata da imigração assistimos ao mesmo fenômeno mas na sua inversa: a terceira geração aparece integrada na cultura local, abandonado as referências à cultura dos avôs. É assim que surgem os sujeitos que ocupam de um modo puramente simbólico os lugares intermediários entre a população originária da colônia e a imigração de colonizadores: o gaúcho como mixagem dos colonizadores agricultores e os índios “pampas”, nômade mas trabalhador. Representante, sem dúvida – veja-se a história da Revolução Farroupilha – de uma nova “nacionalidade”. É assim, também, que se produz a transformação da língua vinda da metrópole e que as práticas religiosas adquirem uma nova referência mitológica.

Que o colonizador resista o surgimento de novas formas de saber, e até mesmo a “deformação” que se opera na transmissão dos saberes originários da “madre pátria” demonstram que eles, nesse viés, estão mais do lado de uma língua exercida como materna que numa posição precisamente paterna na transmissão. Por isso, quando o colonizado recebe a transmissão de um saber, nem que seja o psicanalítico, sob a forma de um discurso materno, não pode fazer outra coisa senão barrar-lo, para que ele opere simbolicamente como uma nova forma de saber. E se o colonizador se agarra a sua suposta condição de mestre permanente, corresponde então o ato de seu corte, nem que os efeitos de esse ato devam esperar por uma terceira geração.

AS CRIANÇAS E O PARAÍSO

Julieta Jerusalinsky

Ao chegar em casa depois de assistir o filme “A vida é bela” encontro na porta o Jornal “Folha de São Paulo” que situa em primeiro plano uma foto de Pinochet e Margaret Thatcher. Alguns dias depois (24/3) a foto da capa é a de uma criança sentada diante de 2.100 cruzeiras depositadas diante do Parlamento em Londres para simbolizar as vítimas do ex-ditador Augusto Pinochet.

São nesses momentos que nos detemos a pensar o quê a produção artística denuncia de uma verdade social e o quê ela pode com isto nos ensinar, para além de uma forçada e pouco produtiva discussão a respeito de qual é “o melhor filme”.

De fato, pudemos assistir por ocasião na última entrega do Oscar a 3 filmes: “A vida é bela”, “Central do Brasil” e “Filhos do Paraíso”, um italiano, um brasileiro e um iraniano respectivamente. Chama particularmente a atenção o fato de que três filmes, de três diferentes lugares do mundo, tenham situado simultaneamente no centro de sua produção artística a questão da infância. Mas não se trata de qualquer questão relativa à infância, porque cada um, a seu modo, fala-nos do lugar da criança diante de certos eventos históricos e sociais: o fascismo italiano, os efeitos da miséria que acaba por situar muitas crianças em uma exclusão social, e a violência e o rompimento de laço social com que se deparam as crianças do terceiro mundo.

Sabemos que “A vida é bela” é uma ficção, que o que ali ocorre seria impossível. Mas isso quer dizer que esse filme nos conte uma mentira? Ele nos fala da função dos adultos de manter a infância em um certo âmbito de proteção das violências do mundo. Será que isto é possível?

A produção própria da infância é o brincar, é por meio do brincar simbólico que a criança pode ir elaborando as diferentes marcas que recebe da transmissão parental e do social. Freud fala-nos que se trata de realizar ativamente o que se viveu passivamente, e nisto o que está em jogo é a construção de uma versão própria desse sujeito face a essa transmissão.

Melanie Klein vai nos dizer que o brincar na cena terapêutica com crianças é o que equivale à associação livre no adulto: ali ficam em jogo as redes de conexões significantes inconscientes. Ao observar o brincar simbólico de uma criança estamos diante de sua rede de representações.

Mas o que diferencia a cena do brincar do fazer dos adultos? Justamente o brincar, o “faz de conta” se situa como um ensaio, uma produção que não implica o risco. Campo onde a criança pode ir jogando sua identificação, sua filiação e sua sexualização, sem ainda ter que de fato responder por elas diante do social. No faz de conta pode-se casar, ter filhos, ser bombeiro, super homem, pirata, odalisca, princesa, viajante do tempo, pode-se matar e morrer e começar tudo de novo. Pode-se parar a brincadeira na hora em que o lobo vai pegar a chapeuzinho se isto desperta certa angústia em sua representação.

Mas não se trata de forma alguma de uma produção ingênua, pelo contrario, sabemos quanto o brincar das crianças denuncia – como uma produção do inconsciente- a verdade familiar e a verdade social.

Por isso mesmo quando falamos de que os adultos oferecem as crianças certa proteção diante do sem sentido de alguns acontecimentos da vida ou da violência de alguns eventos, o que está em jogo é uma mentira? Se trata justamente de por uma verdade a funcionar mas com um certo anteparo simbólico, com alguns elementos que permitam à criança poder dar conta disso.

Por exemplo, quando uma criança pergunta de onde veio e como nasceu será que é dos espermatozoides que está nos perguntando ou está nos perguntando o que ocorreu entre o pai e a mãe que fez com que ele nascesse. Em termos simbólicos o que é verdadeiro? Que o pai introduziu o pênis na vagina da mãe, e após certa fricção ejaculou sêmen liberando uma série de espermatozoides que fecundaram o óvulo? Ou que o pai gosta muito da mãe, que acha ela muito bonita e por isso o pai presenteou uma sementinha que se misturou com outra sementinha da mãe, fazendo um bebê pequenininho e como a mãe também gosta do pai e queria ter um filho com ele fez com que essa sementinha crescesse em sua barriga?

Esta segunda explicação ainda que não contemple a organicidade

real da relação sexual fala-nos dos elementos que estão em jogo nela, como a atração, e fala-nos também do laço que une um casal, o amor. Enfim, não é em sua descrição minuciosa que se encontra o suporte simbólico de um ato. Certamente esta explicação não será válida para sempre e a criança voltará a perguntar, e em outro momento talvez peça outro tipo de elementos. O fato é que isto produz um efeito bastante interessante, pois quando uma criança formula uma pergunta é porque está formulando hipóteses a respeito de um fato e requer de novos elementos para confirmar sua hipótese ou por perceber que há algum elemento que está criando desequilíbrio cognitivo. Muitas vezes as explicações mais minuciosas cientificamente, longe de possibilitar à criança formular suas hipóteses, acabam por paralisar suas investigações.

Quando o pai diz a Josué que o que ocorre no campo de concentração é um grande jogo onde alguns mandam, gritam, perseguem o que ele está dizendo é uma mentira absoluta? No fundo, o que está em jogo ali não é um grande jogo perverso –o do fascismo- onde se trata de usar o poder em benefício do seu próprio gozo subjugando os outros ao seu bel-prazer?

Mas as crianças estão atentas, elas estão á captura do “sentido da vida” nos fatos e seus entreditos. Penso no Josué angustiado que em certo momento pergunta (no caminho que os leva ao campo de concentração) para onde estão indo e diz ao pai – por seu lado, preocupado demais em evitar sofrimentos para levar a sério a angústia do filho- que não está gostando, que quer ir para casa que está na hora daquilo terminar. Por sinal, uma criança muito diferente daquela do maníaco final onde afirma, com aprovação da mãe, que venceram. Mas até que ponto um pai pode fazer a vida bela ao seu filho?

Lembro de uma inscrição que foi anonimamente pichada na porta de uma instituição em Buenos Aires dedicada ao trabalho com os problemas da infância esta pichação dizia o seguinte: “ o morno vazio das coisas... assinado: os sujeitos”. Essa pichação, com a qual nos encontrávamos todos os dias que entrávamos e saíamos da instituição, revelava a nossa tarefa, pois justamente se há algo que diz respeito ao campo da infância ele tem a ver com tornar este vazio das coisas um pouco mais morno para que

um sujeito possa advir.

Isso está num campo muito diferente do que tentar manter as crianças em uma espécie de paraíso. Sabemos dos desastrosos efeitos para uma criança quando os adultos ficam em uma posição de poupa-la de todo e qualquer sofrimento, imperativo ou proibições que implicam crescer. No âmbito dos problemas do desenvolvimento encontramos muitas vezes frases do tipo “coitadinho, já tem tantas dificuldades, para quê exigir-lhe algo mais? vamos deixar que seja feliz”. Ocorre que, deste modo, a criança termina por ficar excluída da lei que faz, de cada um, um sujeito com escolhas e que permite a inserção como cidadão: fora disso só resta um lugar para ela, o paraíso, o paraíso dos bobos.

Resta ainda para outros - poupados de toda e qualquer desgraça da realidade- a tentativa desesperada de tentar convocar a lei pela realização de atos transgressores, para ver se nem que seja queimando índios esta lei comparece e permite o armado de uma borda entre o princípio do prazer e uma realidade perante a qual temos que nos responsabilizar por nossos atos.

Em Praga, dentro do único cemitério destinado aos judeus que foram condenados a viver em regime de exclusão social no gueto, há, hoje em dia, uma exposição permanente de desenhos realizados por crianças no campo de Concentração de Terezim. Terezim, situado a 60 quilômetros de Praga funcionava como um campo de concentração de passagem, ou seja, como ante-sala da morte.

Poucas crianças sobreviveram –de 15.000 que por ali passaram somente 100 saíram com vida, das outras não há nem túmulos. De algumas, ficou o testemunho em poesias e desenhos (muitos dos quais anônimos) que nos falam da saudade de casa, da família reunida em torno da mesa, de brincar no jardim, do sonhado reencontro com os pais, da sujeira, da fome, da tristeza, da doença, do que representava nesses tempos ser judeu, dessa filiação que levava o signo da morte. Uma criança deixou registrada a seguinte poesia:

A BORBOLETA

A última, precisamente a última.
De um amarelo tão brilhante .
Talvez se as lágrimas do sol
tocassem a pedra branca...

Tão, tão amarela
Voava, se movia rapidamente em direção ao alto.
Foi embora, certamente queria dar ao mundo
um beijo de despedida.

Faz sete dias que moro aqui
Trancado neste gueto
Mas encontrei a minha gente aqui,
As flores e o branco galho da castanheira do pátio me chamam.
Não tenho visto mas borboletas

Aquela foi a última
As borboletas não vivem aqui, no gueto.

No campo de concentração de Terezim, além de crianças havia adultos, muitos dos quais notáveis intelectuais, artistas e cientistas do seu tempo. Esses adultos, preocupados com a depressão que tomou conta das crianças, passaram a lhes propor diferentes atividades, como teatro, jogos, oficinas de pintura e literatura, além de aulas das mais diferentes matérias escolares das quais as crianças viam-se privadas.

Assim, as crianças de Terezim tiveram aulas com excelentes professores. Esses adultos, mesmo diante da morte, não renunciaram à sua transmissão, eles tentaram por todos os meios fazer a vida um pouco bela, pois sabiam que manter acesos os sonhos é o único modo de não ficar morto em vida. E, note-se bem que faziam isto, não desmentindo a verdade eminente da morte, não simplesmente acumulando as crianças de conhe-

cimentos que poderiam lhes ser úteis caso fossem vivas, mas abrindo nesta transmissão o resguardo de espaços próprios da infância, onde elas pudessem elaborar seu sofrimento. Assim, na oficina de pintura de Friel Dicker-Brasdejs o que se ofertava era muito mais que papel e tinta (sempre bastante escassos, por sinal), mas a possibilidade de que as crianças, através da poesia ou pintura pudessem plasmar seus anseios, seus sofrimentos e suas fantasias.

Contraditoriamente, esse esforço dos adultos inicialmente condenado e proibido, foi posteriormente aproveitada pelos nazistas como base para uma propaganda muito mais do que enganosa que situava Terezim como uma espécie de “Campo de concentração Modelo”.

Nesses desenhos de crianças assassinadas, nos campos de concentração mantidos como museus, nos diferentes relatos, punições e investigações, podemos nos encontrar não só com restos do horror de uma guerra mas com o testemunho de quanto tempo se leva para purgar uma violência social tão terrível quanto a do nazismo. Por mais duro que seja, por mais tempo que leve, é justamente ao poder se contar e recontar essa história que se faz possível elaborá-la, ao invés de ficar somente na melancolia, no sem nome do sofrimento.

Paradoxalmente, aqui, na América Latina, em países onde ocorreram verdadeiros genocídios, encontramos o ocultamento da verdade travestido de democracia. A lei do “punto final”, “obediência devida”, e “indulto” concedido aos torturadores, muito longe de esclarecer os eventos históricos e realizar alguma justiça que seja, estes procedimentos, ao impedir a elaboração de uma violência social, condenam a sociedade ao risco de sua repetição. Trata-se de um ponto final imposto onde não se deu lugar a elaboração de um texto.

Durante os governos ditatoriais da América Latina muitos adultos foram mortos, muitas crianças ficaram sem pais, centenas também desapareceram¹. Hoje em dia, diante de um sistema econômico mundial do qual uma grande maioria permanece excluída adultos e crianças continuam a ser exterminados de fome, de miséria, de doença e de pobreza. Crianças ficam a deriva diante de um laço social corroído onde, na maioria das ve-

zes, não há ninguém que possa pegá-las pela mão e levá-las de volta a casa, presenteá-las com um peão e um trocadilho -como no filme “Central do Brasil”-, que possa diante de tantas perdas e privações devolver-lhes a dimensão da infância. É certo que se trata de uma infância na qual, se a vida tem algum brilho, não é em função da ignorância absoluta de todo e qualquer sofrimento, mas da beleza que provém de uma escolha realizada com a sustentação de valores éticos por parte dos adultos, ainda que diante das mais terríveis condições. E nisto os ensinamentos transmitidos aos dois Josués são muito diferentes.

Tudo tem limite diz a amiga a Dora –no Filme Central do Brasil- quando esta troca uma criança por uma TV de 29 polegadas com controle remoto.

Tudo tem limite até mesmo a fantasia! –poderíamos dizer também ao outro Josué- mas os finais premiados em Hollywood não querem saber nada disso.

Para aqueles preocupados com as crianças a pergunta insiste...

O que poderiam desenhar as crianças de rua? os filhos dos sem teto, os filhos dos sem terra, os filhos dos desaparecidos, as crianças exterminadas? Será que para estas crianças há ou poderá haver alguma vez borboletas amarelas? Será que elas tem preservada sequer a possibilidade de que com esta falta possa se fazer poesia?

BIBLIOGRAFIA

Freud, Sigmund. Mais além do princípio do prazer, Obras Completas
 Klein, Melanie Psicoanálisis de Niños tomo 2 editorial Paidós
O infantil Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre
No hé visto mariposas por aqui, Publicação do Museu Judeu de Praga.

¹ Calcula-se, só na Argentina, que entre 15.000 e 30.000 adultos desapareceram. Há 195 de processos de crianças roubadas. Tem-se documentação de 250 jovens entre 15 e 18 anos desaparecidos, entre outros dados estarrecedores. Ver mas dados da CONADEP em www.nuncamais.org

